

Entrevista com o presidente da Unidade de Ciências da Engenharia "Nas engenharias todos remamos no mesmo sentido"

Na UBI desde 1997, Carlos Cabrita é o novo presidente da Unidade das Ciências da Engenharia.

Ana Maria Fonseca

URBI - Veio para a UBI em 97. Porquê?

Carlos Cabrita - Na altura vim a umas provas de aptidão pedagógica e capacidade científica e gostei tanto das condições que a UBI oferecia que senti realmente que tinha aqui excelentes condições para trabalhar. Foi também a maneira como fui recebido, tanto pelo Sr. Reitor como pelas pessoas com quem contactei directamente. Só me arrependo de não ter vindo há mais tempo. Temos trabalhado bastante, não só no Departamento como na Unidade, mas se tivesse vindo mais cedo poderia ter dado um contributo ainda maior. Felizmente agarrei a oportunidade.

U - Tendo chegado apenas em 97, é já hoje presidente da Unidade das Engenharias. Como foi esse percurso?

C.C. - Não considero que a minha carreira tenha sido rápida devido à minha disponibilidade. Completo em Janeiro 27 anos de actividade docente, e 28 de actividade como engenheiro. Sempre exerci cargos de gestão e sempre me mostrei disponível para os exercer, porque considero que na carreira docente é fundamental que trabalhe em quatro vertentes. Na vertente pedagógica, aulas e produção de textos pedagógicos, na vertente científica, investigação, desenvolvimento, publicação de artigos científicos e tecnológicos, produção de protótipos e criação de equipas inter e multidisciplinares de investigação e desenvolvimento, na área de prestação de serviços ao exterior, e numa quarta área que considero ser a gestão. É fundamental, sobretudo numa instituição ainda recente como a nossa, que todos os docentes colaborem no seu desenvolvimento.

Estou na UBI desde 97, já fui director de curso, tenho participado nos dias da UBI, fui presidente do Departamento e agora presido às Engenharias, portanto, praticamente tenho tido cargos de gestão desde que cá estou, o que vem na sequência do que já sucedia quando era docente no IST.

U - Acha que fará um melhor trabalho que o seu antecessor?

C.C. - Considero que o Mário Nunes fez um excelente trabalho e vou tentar continuar esse trabalho. Conseguimos sempre acrescentar mais qualquer coisa, desbravamos mais caminho que o nosso antecessor, porque ele teve dificuldades, ultrapassou-as, e nós vamos tentar ultrapassar outras dificuldades que vão surgindo. Nas engenharias temos um óptimo relacionamento, colaboramos, cooperamos, todos remamos no mesmo sentido.



"A engenharia é um sector estratégico para o desenvolvimento"

Penso que o meu antecessor fez um trabalho excelente e não poderia ter feito mais atendendo ao volume de trabalho a que foi sujeito. Eu cá estarei para tentar seguir as suas pisadas.

U - A UBI reúne melhores condições que outros locais?

C.C. - Não tenho a mínima dúvida. Leccionei durante 19 anos no IST, a par de bastante actividade empresarial, e de facto, as condições que temos aqui são excelentes. Os nossos laboratórios em qualquer área de engenharia, são os mais bem equipados do País. Os objectivos que nos propusemos concretizar, não só a nível individual como em termos de equipa, têm sido conseguidos, de uma forma bastante rápida. O que só prova que as condições são excelentes.

Sempre que estou em júris de provas académicas, no exterior da instituição, esforço-me por divulgar as excelentes condições que aqui temos.

U - Para alguém que viveu tantos anos em Lisboa, acha que a Beira Interior é muito esquecida?

C.C. - Em termos de qualidade de vida, vivemos muito melhor do que em Lisboa, porque temos tudo o que lá existe e não perdemos o tempo, nem temos a vida stressante que temos lá. Isso traduz-se num maior convívio social e em índices de produtividade mais elevados. A nível social, convive-se muito mais, fazem-se amizades mais facilmente, sentimo-nos perfeitamente integrados na sociedade, não somos um mero número, como acontecia em Lisboa, somos pessoas que se respeitam umas às outras, acho que é uma grande virtude da Cova da Beira.

O que acontece é que, apesar de termos um País com uma largura em linha recta máxima de duzentos e poucos quilómetros, o poder político na capital continua a considerar Portugal um País com divisões entre o litoral e o interior. Utopicamente, se fossemos parte de Espanha seríamos a sua faixa litoral. Não faz sentido que se olhe para um País como o nosso, e se fale em litoral e em interior. Isto foi uma divisão artificial criada pelos interesses instalados no litoral, sobretudo em Lisboa.

Na minha opinião isso muda-se mostrando o que de bom há aqui, do ponto de vista social, e em termos de qualidade de vida, de desenvolvimento cultural, científico e tecnológico. Não há dúvida que a UBI é fundamental. E o Parkurbis, onde presido ao Conselho Científico e Tecnológico, também será uma grande mais valia, porque mostra que a região, do ponto de vista científico e tecnológico, está no bom caminho.

U - De que forma acha que o Parkurbis pode desenvolver e afirmar da região?

C.C. - Considero que o Parkurbis surgiu na hora ideal. Vivemos numa região praticamente de mono indústria, onde há uma certa sensibilidade às flutuações da economia.

O que o Parkurbis vai fazer é permitir a criação de mais valias na UBI e uma relação de sinergias entre ambas as partes. Ou seja, irá possibilitar uma diversificação da actividade empresarial, o que é bom, não só no que se refere à criação de empregos, como para o desenvolvimento, quer da UBI, quer da região e até do País. Considero que a UBI nasceu como sendo uma instituição regional, mas neste momento é uma instituição já altamente conceituada a nível nacional. Felizmente já passou as fronteiras da Estrela e da Gardunha. Somos conceituados em qualquer local e a prova é que eu e os meus colegas somos cada vez mais solicitados a fazer parte de júris de provas académicas, um sinal do reconhecimento da qualidade da instituição.

U - Como novo presidente da Unidade das Engenharias, que projectos há para desenvolver?

C.C. - Neste momento temos uma crise de falta de alunos. Estou a trabalhar com dois colegas, que são os vice-presidentes da Secção Científica da Unidade, o professor Victor Cavaleiro, presidente do Departamento de Engenharia Civil, e o professor Rui Miguel, presidente do Departamento de Engenharia Têxtil, e estamos a delinear uma estratégia que passará pela continuação da formação qualificada do corpo docente, ou seja, a nível de pós-graduação. Terá que passar evidente-

mente, pela implantação da declaração de Bolonha, e por outras vertentes como, por exemplo, a produção pedagógica, a divulgação das nossas licenciaturas e a criação de novos cursos de mestrado e de pós-graduação.

Considero que neste momento, nas engenharias, o corpo docente é excelente. Agora, vamos tentar aumentar ainda mais essa excelência, porque a qualidade irá ajudar-nos muito na captação de novos alunos de graduação e de pós-graduação. Quero criar grupos de trabalho restritos, com poucos elementos, mas altamente especializados, que se irão debruçar sobre todos estes aspectos.

U - Que outras dificuldades pensa ter de enfrentar?

C.C. - Em termos de dificuldades penso que a captação de alunos seja a maior. Considero que a crise que estamos a atravessar, no País e a nível internacional, na área das engenharias, é cíclica, e além de ser conjuntural, também é estrutural. Na minha opinião, dentro de pouco tempo a situação irá inverter-se. Sinto-me optimista em relação às engenharias. Porque não tenho a mínima dúvida que a engenharia é um sector estratégico que está presente em tudo. Tudo gira na órbita das engenharias, é um sector estratégico para o desenvolvimento de qualquer sociedade. Por isso é que a situação actual não se irá manter durante muito mais tempo.

U - Como gostaria de ver a universidade e a unidade daqui a 10 anos?

C.C. - Daqui a dez anos gostaria de ser um interveniente activo e que a UBI fosse a melhor instituição universitária do País. Não falta muito. O que é necessário é consolidarmos alguns aspectos. Temos a Faculdade de Medicina a ser construída, teremos de qualificar ainda mais o corpo docente. Já temos um número de doutores que ultrapassa os 50 por cento. Para mim o ideal era estarmos na casa dos 90 por cento. Este é um dos aspectos em que estamos a apostar fortemente. Que a UBI seja a melhor do País, que se imponha pela sua excelência não só no ensino como na investigação e no desenvolvimento, na prestação de serviços à comunidade, não só a nível local ou regional mas também a nível nacional.

Quanto à unidade de engenharias, que tenhamos alunos, que tenhamos os *numerus clausus* completamente preenchidos nessa altura. E que já sejamos Faculdade de Engenharia. Passaria a ser uma unidade com mais autonomia e também, o que é muito bom, com mais responsabilidade e com mais responsabilização.

perfil



Nasceu em 1951 em São Bartolomeu de Messines, no Algarve, terra da família paterna, "por mero acidente. De resto fiz toda a minha vida em Lisboa". Foi lá que passou a infância, primeiro na escola primária na Graça, onde residia, depois no Instituto Industrial de Lisboa. Mais tarde licenciou-se em Engenharia Electrotécnica, ramo energias e sistemas de potência, em 1976, no Instituto Superior Técnico de Lisboa e seguiu para doutoramento no mesmo instituto em 1988. Entretanto trabalhou nos Caminhos de Ferro Portugueses e desenvolveu actividade empresarial "a nível de gestão, organização e consultadoria em pequenas e médias empresas". Em 1978 entrou para a carreira docente "onde me tenho mantido como profissão principal, se bem que tenha tido alguma actividade empresarial paralela", aponta. O regresso às origens, já que a família materna é desta região, foi alguns anos mais tarde, "mas deveria ter vindo mais cedo", afirma. Veio para a UBI em Janeiro de 1997, e por cá tem vindo a trabalhar e "a dar o meu contributo, com o que de melhor sei fazer, não só em relação ao progresso da instituição como ao da região, na medida do possível", diz.

A par da actividade docente e empresarial esteve sempre a investigação. "Com uma boa gestão do tempo consegue-se fazer tudo". Em termos de publicações tem 25 livros de textos de apoio. "Os textos abrangem áreas variadas que vão do desenho, a computação gráfica, a tracção eléctrica, a máquinas eléctricas, manutenção industrial... Uso-os nas aulas e cedo-os, quando me pedem, a outras instituições". No que respeita à produção científica tem cerca de 150 artigos publicados em revistas e conferências nacionais e internacionais. "Tenho vindo a conseguir gerir bem o tempo, também devido à equipa de investigação que tenho, que é de facto brilhante. Isso ajuda muito a que consigamos ter um elevado número de produção científica e tecnológica. Agora temos desenvolvido investigação essencialmente na área dos accionamentos eléctricos, da instrumentação, do controlo, e do trânsito de energia eléctrica.

Nos tempos livres gosta de andar a pé, de ler. "Tenho uma biblioteca com cerca de 18 mil obras". Também se dedica ao coleccionismo. "Sempre gostei muito de comboios em miniatura. Para mim o trabalho é um hobbie".